

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

Sra. Sanvi, nascida Da Matha. 20.09.95

MILTON GURAN - Então, hoje é dia 20 de outubro.

SRA. ANNE-MARIE SANVI DA MATHA - 20 de setembro de 95.

MG - Oh! A senhora tem toda razão, estamos no dia 20 de setembro, em Cotonu, com a historiadora Anne-Marie Sanvi, nascida Da Matha, é isso?

AM - Sim.

MG - Bom, nós detivemos quatro pontos principais e começamos a discutir. Então, com a palavra, a senhora.

AM - O senhor quer que eu retome as questões ou bem...

MG - O primeiro ponto.

AM - Bom, o primeiro ponto, o funcionamento de uma casa brasileira, eu vou voltar um pouco na história, sou historiadora porque antes de explicar uma situação, é preciso poder saber o que ocorre, o que se passou antes. Efetivamente, se nos referimos à cultura brasileira, todos aqueles que deixaram o Brasil, fossem eles escravos ou verdadeiros brasileiros, por razões diferentes, para uns, a saber, os verdadeiros brasileiros, foi o comércio que os impulsionou a se exilar de seu país para conhecer o que acontece no exterior. E é nessa onda também que os antigos escravos, que estavam no Brasil, uma vez libertos, eles se disseram: “- É preciso que a gente volte para casa e que a gente veja o que acontece realmente em nossa casa”. Então, partindo, talvez, esses últimos vieram junto com os verdadeiros brasileiros. Porque, no grupo, temos verdadeiros brasileiros e os afro-brasileiros. Eu diria, quer dizer, os africanos que em determinado momento foram pegos como escravos, levados ao Brasil, uma vez libertos, voltaram. Então...

MG - Há também, eu queria destacar isso, uma categoria de africanos, afro-brasileiros que são filhos de escravos e que nasceram no Brasil.

AM - Sim, isso.

MG - São pessoas que nunca conheceram a aldeia.

AM - É isso.

MG - Então?

AM - Então, todos esses, entre esses aí, as pessoas voltaram e, antes de voltar, eles já tinham certa cultura, uma cultura brasileira que os caracterizava. Se o senhor pegar um brasileiro, em relação a um autóctone, o senhor verá imediatamente a diferença. Porque verá que o brasileiro se caracteriza por certa postura, postura ao se vestir, postura ao falar, postura também nas relações humanas. Então, de imediato, eles são caracterizados por suas diferenças que o senhor não encontrará da mesma maneira entre os autóctones. O senhor pode constatar, entre os brasileiros e os autóctones, que entre os brasileiros tem certa finura.

MG - O brasileiro de hoje ou o brasileiro da época?

AM - O brasileiro da época, [tem uma finura] que o senhor não encontra entre os autóctones. Então, quando eles chegaram, efetivamente, essa cultura que eles tinham, a saber, na vestimenta, na postura corporal, nas casas... Agora pouco o senhor falou da limpeza e a organização nessa casa. E, então, se encontra entre eles toda essa cultura, que eles trouxeram do exterior e que eles começaram a aplicar na casa deles, quando voltaram à África, tal como no Daomé, como eu dizia. Então, desde que se vai a casa deles, se vê claramente a diferença entre a maneira de eles cuidarem da casa e a maneira de fazer dos autóctones. O funcionamento de uma casa brasileira, se o senhor entra em uma casa brasileira, se o pai é brasileiro e a mãe é brasileira, o senhor vê que a casa é bem cuidada, ela é bem limpa. Tem um modo que se encontra lá e que parece efetivamente isso que ocorre no Brasil, como em uma cultura civilizada. Eles utilizam tudo o que eles utilizavam lá e que eles ainda podem utilizar aqui, tal como passar a roupa, isso lá eles faziam, passavam a roupa deles. E, na casa dos autóctones, eu continuo na história, você entrava em uma casa, entre os autóctones, eles não tinham ainda essa noção de passar a roupa. Eles não tinham ainda essa noção de arrumar bem a roupa, lá onde ela deve ser arrumada. Arranjar bem os pratos, lá onde eles devem ser arrumados. Lavar bem as coisas, para que as coisas estejam bem limpas. Eles têm a maneira deles de fazer as coisas. E o senhor mesmo falou que tem um grande cômodo¹, talvez mais outro cômodo, e que tudo se faz nesse cômodo, as pessoas colocam tudo aí misturado e ficam aí. Enquanto que, se você entra numa casa brasileira, você não vê isso. É isso que os caracteriza e o que faz com que, até hoje – e, agora eu venho para o tempo presente -, até hoje, efetivamente, essa educação, de limpeza, de organização nas casas brasileiras, foi transmitida. Essa maneira de fazer foi transmitida de pai para filho, de mãe para filha, sobretudo. E assim foi indo, foi indo, em todas as gerações. E essas filhas brasileiras, essas mulheres brasileiras, querem a todo custo que as casas delas sejam bem acolhedoras. Hoje, não se sente tanto a diferença entre uma mulher brasileira e uma mulher letrada, por quê? Porque houve a cultura francesa que tentou modelar os autóctones, durante a colonização deles, e lhes educar também nessa cultura brasileira, nessa cultura francesa. Então, hoje, não se sente mais a diferença. Mas, se o senhor questionar a mulher brasileira e o senhor for, efetivamente, na casa dela, vai ver que, efetivamente, tem sempre essa limpeza lá. O senhor pode ainda ir à casa de uma mulher autóctone, uma mulher do Daomé que não é brasileira, mas é letrada, na medida em que

¹ Na casa dos autóctones.

ela experimentou essa cultura europeia, essa cultura veiculada pela instrução. Claro que ela também é limpa, ela diz que sua casa parece com uma casa europeia, uma casa francesa. Aí está, é por isso que hoje não vemos mais tanto diferença, porque a instrução veio corrigir muitas coisas.

MG - Agora todo mundo está mais ou menos no mesmo nível?

AM - Isso. É isso.

MG - Tem outro ponto, é que os brasileiros, eles sempre vão à escola, mesmo as meninas, mesmo os mais pobres. Que eu saiba, mesmo as meninas vão a escola ???²

AM - Não é preciso rezar para os brasileiros terem essa instrução. Por quê? Porque foi a contribuição³ que eles trouxeram de lá. E todas essas contribuições ficaram com eles e são transmitidas de pai para filho, de mãe para filha. E se você vai a uma casa brasileira, mesmo se o pai é pobre, mesmo se a mãe é pobre, eles procuram sempre dar essa instrução aos filhos, porque eles sabem muito bem que é através dessa instrução que a criança poderá desabrochar, poderá efetivamente conversar com o mundo exterior, mesmo se o mundo exterior não é instruído. Poderá, ainda assim, não dominar, mas mostrar, não sua superioridade, mas, ainda assim, mostrar que o brasileiro tem alguma coisa a mais do que aquele que não teve a chance de conhecer essa cultura.

MG - Tem sempre um orgulho entre os brasileiros.

AM - Se eu vou lhe... Eu falava ao senhor agora pouco no nível da educação, eu não falei desse orgulho porque eu sei que, no nível da educação, como o senhor tinha colocado... Eu vou chegar lá. O senhor quer saber do funcionamento de uma casa brasileira ou bem...?

MG - Sim, eu compreendo. Mas por uma, bom, a senhora mesmo vem dessa casa, a senhora sabe que uma casa, para funcionar bem, tem uma organização, mesmo econômica. Fala-se mesmo de economia doméstica e tudo isso. Será que nesse nível tem uma diferença entre uma casa gerida por uma mulher brasileira e outra gerida por uma mulher fom⁴? No que se refere à economia doméstica, será que muda? Eu vejo o lado exterior, queria saber de dentro.

AM - No nível da economia familiar, no nível da economia da casa, eu acho que a mulher brasileira fará de tudo para que sua casa, sobre esse plano econômico, possa funcionar bem. O que entendemos por funcionar bem? Quer dizer, ela tentará, eu diria atualmente está um pouco perdido, porque estamos todos envolvidos em uma cultura francesa. Senão, até onde eu sei, com nossos pais, nossos avós, eles organizavam.

MG - Está bem.

² Pontos de interrogação no original.

³ Ou bem.

⁴ Fom ou fongbé é a língua falada em Abomé. Por extensão, as famílias fom são as que falam essa língua.

AM - Então, eu dizia que, nesse momento, a organização de uma casa brasileira, se nós voltamos um pouco no tempo, nossos pais, sobretudo nossas avós, elas tiveram instrução, elas não trabalhavam como atualmente você vê as mulheres trabalhando. Era mais os nossos pais que trabalhavam e elas ficavam em casa. Como elas organizavam a casa? Eu falei ao senhor a pouco da costura. Eram as nossas mães e nossas avós que faziam elas mesmas a costura. Então elas tentavam acertar tudo isso, tudo e tudo. Já nesse nível tem certa economia. No que se refere às refeições, aos pratos culinários, elas mesmas cozinhavam. Elas organizavam no que se refere à passagem da roupa, tal como eu lhe disse. Tem certa organização na casa que o senhor não encontraria numa casa fom antes. Atualmente, eu disse ao senhor, nós estamos numa cultura francesa. O senhor vai numa casa fom, vai numa casa brasileira, o senhor ver que são quase parecidas, salvo que, se o senhor perguntar se a mulher é brasileira, o senhor verá, ainda assim, que tem alguma coisa.

MG - Algo a mais.

AM - Algo a mais aí, que faz com que verdadeiramente o senhor sinta que tem sim alguma coisa a mais do que numa família fom. Não sei se correspondi um pouquinho à sua expectativa.

MG - Sim, eu penso que sim. No Brasil a gente diz que a educação e os modos vêm do berço. Quer dizer que se a gente não tem isso na casa dos nossos pais, dificilmente o terá [em casa]. E é um pouco isso, nós vemos numa casa brasileira, o modo de fazer, isso vem de muito tempo. Em uma casa fom, mesmo numa casa fom letrada, sabemos que a maneira de fazer é algo novo. Eles tentam, mas ainda não chegaram lá. Se a avó chega, aí é o desastre.

AM - Enquanto que, numa casa brasileira, se a avó chegar, o senhor vai ver que é uma continuidade. É realmente uma continuidade e a mãe pode se ausentar vários dias, ela tem confiança que sua mãe vai, a avó vai cuidar da casa como ela mesma cuida. Em uma família fom letrada, por exemplo, como o senhor disse a avó não tinha essa cultura, a mãe não tem tranquilidade para deixar sua casa para sua mãe cuidar, porque ela vê que, bom, a sua mãe não vai fazer como ela tem o hábito de fazer. Mas deixam a avó assim mesmo, porque é a avó, afinal. Aí está, sentimos que, numa família brasileira as coisas não são como numa família fom. Você sente que é sobre várias gerações que as culturas são transmitidas. E você vê o modo de fazer, mesmo o modo de manter as crianças numa certa limpeza, o modo de vesti-las, de lhes dizer para se comportar a mesa, de se comportar, de se... Você vê que isso vem espontaneamente e desde o berço, como o senhor disse. A gente aprende desde criança a fazer isso, fazer aquilo. E isso entra nos hábitos. E se você pega do outro lado, fom, você vê que os pais são letrados, mas você sente ainda assim que não é tão espontâneo, não tem a espontaneidade como se deve. Se não houvesse a cultura francesa de hoje, o senhor veria bem a diferença. Isso é certo. O senhor veria bem a diferença porque, no tempo, os, eu diria, as famílias fom, as famílias que não são brasileiras, casaram com mulheres brasileiras. Eu... me disseram, me contaram que, quando querem casar, as mulheres brasileiras, no momento

de pedir a mão, por exemplo, os pais brasileiros demandam, por exemplo, às famílias dos outros que venham pedir a mão das meninas brasileiras: “O senhor sabe fazer isso? Sabe fazer aquilo na sua família?”.

MG - Por exemplo, comer com garfos?

AM - Sim, comer com garfos. “Você sabe comer, você usa manteiga, você pega isso... Em suma, você sabe comer pratos refinados?”. O senhor vê, então, nós queremos que nossos filhos, nossas filhas brasileiras, quando elas forem a sua casa, elas não poderão ser maltratadas. Ou que elas sejam privadas daquilo que elas tinham em nossa casa. O senhor vê, então, é uma maneira de dizer a essas famílias fom: “- Nós, nós temos um estilo de vida em casa, seria preciso que nossa filha encontre isso na casa de vocês, ou bem que vocês permitam que ela tenha esses modos e que não adotem o estilo de vida da casa de vocês”.

MG - Isso é na geração da senhora ou na geração da mãe da senhora?

AM - É na geração das nossas mães. E de nossas tias avós, etc., etc. É isso. Enquanto que em nossas casas, atualmente, como eu disse ao senhor, nós temos uma cultura francesa. A colonização mexeu em tudo, a instrução mexeu em tudo. A instrução francesa mexeu em tudo, o que fez com que a cultura brasileira e a cultura francesa ficassem parecidas de certa forma. Então, você não vê mais a mesma diferença que tinha antes. Antes tinha um clã, uma cisão entre a cultura brasileira e a autóctone.

MG - Hoje essa diferença entre as famílias brasileiras e as famílias fom, essa diferença acabou.

AM - Bom, eu diria que ela quase acabou. É preciso saber que nessas famílias você precisa saber que está em uma família brasileira. Mas se o senhor não entra numa dessas famílias, não pode saber de cara que, aí está, é uma família brasileira. Essa é uma família... o senhor se confunde.

MG - Por exemplo, assim, a senhora tem um menino. Na opinião do senhora, seus meninos, eles não são jovens, [mas] eles ainda não estão na idade de se casar. Mas a senhora teria prazer em casá-los com uma brasileira ou com uma fom? Isso não muda nada, eu sei, é o amor???,⁵ mas, por trás disso, o que a senhora acha, tem uma diferença para a senhora?

AM - Sim, eu digo que tem uma diferença. Por quê? Porque eu vou chegar lá daqui a pouco, é na educação. Isso é muito importante. Vamos voltar nisso daqui a pouco. Quer dizer, a educação é muito importante. E quando o senhor vê, até agora, isso é verdade, isso, isso não desapareceu. O que desapareceu, eu diria, bom, como dissemos agora pouco, atualmente, pelo jogo da instrução, as famílias brasileiras e as famílias fom estão quase no mesmo nível.

MG - A aparência.

⁵ Pontos de interrogação no manuscrito original.

AM - Sim, a aparência. Mas no ponto de vista da educação, isso é outra coisa. Uma família brasileira, no ponto de vista da educação... A educação que uma família brasileira dá às crianças, essa educação é diferente até hoje da educação de uma família fom. Por que eu digo? Porque tem valores que os brasileiros, valores que damos importância, alguns valores tais como o rigor, o orgulho, a clareza de espírito, a educação, a educação de uma família brasileira. As famílias brasileiras enfatizam certos valores e querem que esses valores se perpetuem, tais como os que eu citei agora pouco: o rigor, o orgulho, a clareza de espírito. O brasileiro, o senhor não o verá participando de negócios obscuros, é esse o orgulho. Então, de pai para filho, de mãe para filha, as famílias ensinam aos seus, a todas as gerações, esses diferentes valores que o senhor não encontrará entre os fom. O senhor não encontrará de cara entre os fom, o senhor encontrará entre certos fom, não todos. O orgulho, quando você vai numa família brasileira, você vê que as crianças, os pais os ensinam a dizer a verdade quando é preciso dizê-la, a ser rigoroso, em sua maneira de fazer. E quando pegamos uma criança brasileira, a educação que damos a ela, quando dizemos: "Tenha tal postura". Ele deve ter uma postura assim. Porque sabemos que, na sociedade, é preciso esse rigor para que as coisas funcionem. E é esse rigor que tentamos ensinar para as crianças brasileiras, para que, mais tarde, na sociedade, tenham eles mesmos um espírito rigoroso. Para que eles sejam orgulhosos disso. E quando, os vendo, sentimos que são crianças que nasceram de uma origem brasileira, que nasceram em uma família brasileira, e para aqueles que conhecem os brasileiros, vendo essas crianças, vendo como se comportam, sem mesmo os conhecerem antes, a pessoa começa a ter certa apreensão. E perguntando a eles: "- De que família você é?". Desde que as crianças dizem: "- Sou de tal família" - a pessoa diz: "- Ah! é por isso que você tem essas atitudes assim". É assim, porque isso caracteriza o orgulho, o rigor, é isso, o rigor que o senhor não encontrará entre os outros, ao menos que esses o cultivem.

MG - Que sejam pessoas cultivadas pela instrução.

AM - É isso. Eles cultivem esses valores. Já os brasileiros não precisam ter instrução, quer dizer, não têm necessidade de ir à escola antes de ter esses valores, porque, já no berço, já na família, de pai para filho, de mãe para filha, aprendemos esses valores, ensinamos esses valores.

MG - Mesmo as famílias menos ricas ou o quê?

AM - Sim, sim, mesmo as famílias mais pobres, ensinamos isso. Porque isso faz parte da cultura brasileira. É preciso que as crianças sejam orgulhosas, elas mesmas, é preciso que as crianças sejam rigorosas, é preciso que as crianças sejam trabalhadoras. É isso, que eles saibam que é através do trabalho deles que eles poderão se impor na sociedade, se impor e mostrar aos outros seu valor. É isso. Então, aí estão alguns dos valores que as famílias brasileiras tentam ensinar a seus filhos, mesmo se esses filhos não têm uma grande instrução, não tenham isso, mas o senhor vê já que no berço, que as crianças pequenas têm essa coisa, os educamos nesse modo de fazer, nesse modo de pensar. O senhor não encontrará entre os autóctones, ao menos que eles tenham grande instrução.

MG - No nível religioso?

AM - No nível religioso, normalmente entre os brasileiros têm duas grandes tendências. Tem os muçulmanos, tem os católicos. Então, o senhor não verá nunca um brasileiro animista, jamais. São as duas grandes religiões, e só. Ou eles são católicos, ou são muçulmanos. E se o senhor pegar todas, todos os brasileiros da parte, particularmente do Benin, o senhor verá essas duas religiões. Católicos e muçulmanos.

MG - Então, estamos prontos, com a presença do senhor Athanase da Matha, que acabou de chegar. Eu estava lhe dizendo que, entre nós, lá no Brasil, se fizermos uma pesquisa, 80% ou 90% da população é católica ou cristã, mas 100% da população faz também suas ???⁶ na medida em que somos católicos mas fazemos uma consulta de Ifá⁷, podemos perguntar alguma coisa ao charlatão, se isso existe, perguntamos. Aqui também as coisas são assim?

AM - Se eu dissesse que alguns não dão uma olhada, não entram no animista, mentiria. Como o senhor disse, para consultar isso, aquilo, para ver um pouco, para interrogar os adivinhos. Então, eu não diria não. Por quê? Porque eles já estavam num meio, os brasileiros viveram em um meio animista quando eles chegaram. O Daomé é animista e a religião católica é uma religião importada. A religião muçulmana também. E quando eles chegaram do Brasil [vieram] com essa religião, essas duas religiões importadas. Eles praticavam essas religiões, mas isso não os impedia de jogar um olho sobre o que se passava do lado deles, para ver se aquilo poderia lhes trazer alguma vantagem, sem dizer que com isso se investiam nessas religiões.

MG - Sim, eu entendo. Então não tem um sortilégio da aldeia?

AM - Não, não tem um sortilégio da aldeia por trás, talvez para consultar os adivinhos e para orientar uma dúvida, sobre a maneira deles de fazer, eu acho.

MG - É um pouco o horóscopo.

AM - Sim, o horóscopo. Isso, eles fazem. Eu não posso dizer ao senhor, não, tem um corte, uma cisão clara entre a religião católica. Eles são muito praticantes, eles vão à igreja, eles rezam e tudo mais, mas como eles coabitam com aqueles, isso não os impede de interrogar talvez os Ifá ou então interrogar os adivinhos, como o horóscopo, como para esclarecer um pouco.

[?]⁸ - Os africanos aqui vão consultar o Ifá para saber um pouco sobre o futuro e tomar certas disposições em precaução. Mas é como um espelho onde eles vão ver como o amanhã, o dia seguinte, será.

⁶ Pontos de interrogação no manuscrito original. Dúvida na transcrição.

⁷ Ifá na tradição iorubá (nagô) ou Fá na tradição fom (jeje) é uma divindade e uma expressão da geomancia desta região da África.

⁸ Aparentemente esta frase é pronunciada pelo marido de Sanvi Matha, pois, logo na sequência, o antropólogo Milton Guran dirige-se a ele, até então fora da conversa. A conferir no áudio da entrevista.

MG - Aproveito para perguntar uma coisa, senhor Da Matha. O senhor tem um nome, ou nomes antes do sobrenome?

[?] - Eu tenho um nome francês e um nome nativo, africano.

MG - Esse nome africano nativo, ele é muçulmano?

[?] - Sim, na minha casa a gente tem a ressonância muçulmana, mas é o nagô, o nagô com o muçulmano, tem uma semelhança.

MG - Porque o Islã veio pelos nagô, os iorubás. Mas, o senhor sofreu o *Suna*⁹.

[?] - Não, isso é a religião muçulmana.

MG - Sim, mas em várias famílias católicas, brasileiras, eu percebi que tem um duplo nome, sempre um nome cristão e um nome muçulmano, Nassirou, Almidou, coisas assim.

AM - Espere, vou responder ao senhor. Quer dizer, como eu disse ao senhor, tem duas religiões, a católica e a muçulmana. Os brasileiros que chegaram de lá, tem brasileiros católicos – e eu diria que aqueles que chegaram de lá são na maioria católicos, cristãos. E quando eles chegaram aqui, chegaram com a cultura deles. Não esqueça que lá tem um *melting pot*¹⁰, eu não sei se estou sendo compreensível, quer dizer, tem uma mistura, um fluxo, as antigas culturas daqui e de lá, então ficou em algumas famílias lá, então tem as línguas daqui que foram transferidas para lá e que são ainda faladas de uma maneira ou de outra como falavam as famílias de lá.

MG - A família de vocês aqui fala nagô.

AM - Isso.

MG - Com um pouco de gom dentro?

AM - Isso. Então, quando eles voltaram, tinha, entre eles... São os homens que voltaram, [e] os homens casaram com as autóctones daqui. Os brasileiros católicos cristãos casaram com mulheres Nagô. E é por isso que a língua nagô acabou predominando entre as crianças. O pai sendo brasileiro, ele estava quase sozinho em sua arena. A saber, as crianças e a mãe delas conheciam muito mais a língua da mãe. Então, a partir daquele momento, a língua nagô predominou. As crianças compreendem o brasileiro. Os primeiros que voltaram compreendem o brasileiro, e é bem depois que, quando o avô¹¹ morreu, o filho dele morreu, e assim por diante, então a língua brasileira, bem docemente, se apagou, e a língua materna tomou a dianteira. É por isso que hoje, quando o senhor vai à casa de uma família brasileira católica, é o nagô que o

⁹ Segundo a Wikipédia, a *Suna* ou *Sunnah* é uma palavra árabe que significa “caminho trilhado”. A *Suna* do profeta são os feitos, dizeres e aprovações do profeta Muhammad. A *Suna* é também a segunda fonte da lei islâmica após o Alcorão.

¹⁰ Melting pot, em inglês, no manuscrito original; literalmente, recipiente para fundir metais, e, no caso, caldeirão onde se mistura culturas.

¹¹ O ex-escravo africano que voltou ao Benin.

senhor ouve. Foi assim que aconteceu. Se, quando os pais brasileiros chegassem eles tivessem trazido com eles apenas mulheres brasileiras, não teria tido esse casamento com as autóctones, [e] eu acho que hoje o senhor só ouviria o brasileiro nessas famílias aí. Mas teve a mistura pelo casamento.

MG - Também houve, eu me permito lembrar, a presença francesa, porque, até aí, até a chegada dos franceses, as escolas da costa eram escolas em português. E o português era a língua de troca na costa. E depois os franceses chegaram. A senhora explica bem isso em suas memórias.

AM - Sim, é isso. Eram escolas portuguesas. Só depois que teve as escolas francesas, que elas passaram a predominar, e depois, bom, as pessoas não falavam mais o português, as línguas...

MG - A cerimônia do *Suna*¹².

AM - Bom, eu chego lá. Agora, esses são os católicos. Os muçulmanos... Eu não poderia dizer que é do Brasil esta religião de alguns que estão aqui. Porque, como eu disse ao senhor, tudo partiu daqui. E nessas famílias, lá [no Brasil] [esta religião muçulmana] ficou ainda, e na medida em que eles voltaram, eles voltaram com ela. E o senhor vê, hoje, que os Paraíso são muçulmanos.

MG - Mas eles chegaram católicos e é aqui que eles mudaram.

AM - Isso. Então, quer dizer que esses que chegaram muçulmanos continuaram muçulmanos. Mas outros brasileiros, estando com os muçulmanos, em contato com os muçulmanos de Porto Novo, do Nigéria, etc., houve trocas, quer dizer, eles se converteram ao islamismo. É por isso que, nessas famílias islâmicas tem desses nomes, *Suna*, tem tudo que os muçulmanos fazem. Mas isso não impede que, por outro lado, eles tenham guardado essa cultura brasileira.

MG - E seguindo nosso esquema...

AM - Isso. Falamos do funcionamento de uma casa brasileira e depois falamos da educação das crianças, e eu disse ao senhor Monteiro que a educação das crianças é baseada, sobretudo, em certos valores, tais que o rigor, o orgulho, a clareza de espírito, uma maneira de se comportar das crianças brasileiras que os pais, de pai para filho, de mãe para filha, transmitem, pela educação das crianças, e que essa educação não se encontra por extenso nas famílias fom. Por quê? Porque é algo que é da cultura brasileira, que nossos pais nos transmitiram de pai para filho, de mãe para filha. Mesmo hoje, nas famílias brasileiras, se encontram esses valores. É assim que o senhor não poderá ver um fom com um brasileiro, mesmo hoje. [Mesmo] se eles receberam a mesma instrução, se são colocados juntos, tem uma pequena coisinha lá que, se o senhor prestar bem atenção, verá que não é a mesma coisa. E se o senhor for um pouco mais

longe e perguntar qual é a ascendência deles, a origem deles, logo o senhor dirá: “- Ah, é por isso que você tem essa ou essa maneira de se comportar”.

MG - Nós percebemos facilmente, mas, a senhora sabe, Madame Sanvi, é muito interessante porque a maneira como a senhora fala, nós falamos assim, a cultura brasileira da minha casa, do outro lado [do Oceano]. O Brasil é um país de um contraste muito grande. Somos um povo que realmente sofre há séculos porque no Brasil tem pessoas muito ricas, e a maioria do povo é muito pobre. E a senhora sabe que na pobreza, na miséria, é muito difícil ter uma organização na família, etc. O que é interessante é que os africanos retornados, eles retiveram a maneira de ser de seu mestre. Eles retiveram o orgulho, a clareza da elite brasileira. Isso???¹³ É da mesma forma que, quando a gente vê aqui os prédios, as casas, as vilas, são as vilas dos mestres. São as casas grandes, como a gente fala. São realmente as casas dos senhores que eles reproduziram. E mesmo os casebres, as casas humildes e modestas, em sua maneira de serem modestas, reproduzem pequenas decorações características das casas dos mestres. Mesmo as casinhas, o que a gente vê na arquitetura, vemos também no discurso. Quer dizer, essa educação da qual a senhora fala, a educação brasileira, ela não tem nada a ver com a educação do povo brasileiro. Infelizmente, essa é a educação da elite brasileira. Isso é muito interessante.

AM - Isso é compreensível, porque quando eles partiram daqui, estavam a serviço desses mestres aí. Eles iam e vinham nessas casas e o que ficou marcado neles foi isso. Porque eles estavam a serviço dessa gente. O escravo, o doméstico, tem direito de entrar na casa do mestre para servi-lo.

MG - E isso é interessante porque a gente tinha os ???¹⁴. Tinha o escravo que estava na plantação, na floresta, em condições terríveis. Esse, não voltou, ele acabou lá. Aqueles que voltaram, esses eram os escravos domésticos. Porque os brancos lá [no Brasil], eles não trabalhavam.

AM - E se o senhor pegar minha tese, eu falei de tudo isso. Os trabalhos eram eles que faziam. E quando eles vieram aqui, eles vieram com tudo o que eles aprenderam lá. E eles reproduziram aquilo que eles viram por lá. Eles estavam nessas casas, talvez fossem eles que construíam essas casas para seus mestres. Eles se disseram: “- Quando formos para casa, vamos construir algo parecido. Vamos viver da maneira como vivem nossos mestres [no Brasil]”. E como eles começaram a viver da mesma maneira que viviam seus mestres, eles precisavam também de escravos. Eles tiveram também escravos aqui.

MG - E os escravos deles pegaram os nomes das famílias brasileiras também.

AM - É isso. Então, aí estão várias coisas que se passaram. Então, a transmissão da cultura brasileira foi pela educação doméstica, quer dizer, dentro de casa, de pai para filho, de mãe para filha, etc. Isso não se aprende nas escolas, jamais o senhor verá isso

¹³ Pontos de interrogação no manuscrito original. Dúvidas da transcrição.

¹⁴ Idem.

nas escolas. Tanto que, atualmente, podemos, tem a educação cívica, te dizem é preciso fazer isso, é preciso aprender a comer, é preciso fazer aquilo. Sim, concordo, é o tronco comum, mas na casa brasileira, diremos à criança que é preciso ter orgulho de si mesmo, ou seja, você não pode nunca participar de negócios suspeitos, é preciso trabalhar porque nossos pais trabalharam; não se pode jamais aceitar uma vida fácil. Se o senhor olhar, numa família brasileira, uma criança que tem a tendência de não trabalhar, a buscar a vida fácil, ela não será nunca, os pais não concordarão nunca com essa criança. Por quê? Porque fazendo isso, ele perde também um lado do orgulho próprio. Será uma criança que não será nunca orgulhosa de si mesma. Na medida na qual você não tem orgulho de si mesmo, você não pode fazer certas coisas. Então, é preciso que a criança aprenda a fazer alguma coisa. E é por isso que o senhor verá que tem uma educação um pouco dura, quer dizer, eles levam de um modo rigoroso suas crianças, porque eles querem que essas crianças não os desonrem. Uma criança brasileira não deve desonrar uma família brasileira fazendo besteiras. É preciso que ele se distinga sempre por sua educação, por seu modo de falar, por suas relações humanas.

MG - Parece que estou escutando minha mãe. ???¹⁵. Para ser bem educado ???¹⁶. Esse é realmente um discurso de uma mãe brasileira. No que concerne à cultura, falávamos sobre as redes para a *bourian*, o Bonfim¹⁷.

AM - É o último ponto. Quer dizer, antes tinha realmente a comunidade brasileira que era bem consolidada e trouxe a cultura brasileira. Nessa cultura brasileira, se vê o cultural também. E eles organizavam a cada festa, quer dizer, eles têm festas bem precisas. Eu creio que eles vieram aqui com essa serie de festas, eles tentavam se encontrar com a comunidade brasileira em torno dessas *bourian*. Nessa história, o senhor vê esses brasileiros realmente dançarem a *bourian* em festas bem precisas. Sim, essas festas aí, nós encontramos no meu documento, e eles se encontram e isso permite às crianças também de aprender canções brasileiras, de aprender a cantar, de aprender a dançar a *bourian*. Hoje, como eu disse ao senhor, nos encontramos em uma civilização francesa, os pais que antes tentavam manter essa cultura brasileira entre eles, porque eles eram da mesma geração, com o passar do tempo se apagaram, se apagaram. Então as crianças se encontraram e as relações humanas, não sendo mais tão sólidas... Por quê? Porque os pais, em certo momento, não fizeram mais participar tanto as crianças. Eles se viam para as grandes festas, mas as crianças não estavam todo o tempo com os pais, porque elas já estavam na cultura francesa. Estando na cultura francesa, eles deixavam, eles começaram bem lentamente, a deixar de lado essa cultura brasileira através do cultural. Então, de fio à agulha, lentamente, hoje, o senhor vê que as crianças não têm mais, não se encontram mais no cultural. Eles não dão mais importância a esse cultural, através da *bourian*, etc., etc. Eles têm os olhos voltados bem mais para a cultura ocidental.

MG - ???¹⁸. Em Porto Novo tem alguma coisa.

¹⁵ Pontos de interrogação no manuscrito original. Dúvidas na transcrição.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Bourian e Bonfim são festas promovidas pela comunidade “brasileira” do Benin.

AM - Sim, tem alguma coisa. Mesmo em Uidá tem alguma coisa. Mesmo isso aí, eu diria muito mais que isso não tem a conotação que deve ter, a saber, juntar todos os brasileiros, todas as crianças brasileiras. ???¹⁹. E quando temos necessidade deles para animar, quando uma família precisa deles para animar, durante de uma vigília de família, durante a qual podemos chamá-los, não é mais comum.

MG - É mais um grupo folclórico do que uma festa popular.

AM - É isso, é isso. É pena, é realmente pena, e eu acho que talvez, com o tempo, vai ser necessário que de um lado e de outro, esforços sejam feitos para poder, senão atualmente, o que constatamos? Constatamos que bem lentamente, todos os aportes brasileiros foram quase afogados nos aportes da civilização francesa, é isso.

MG - Mas você sabe, madame Sanvi, tem ???²⁰. Em Cotonu não existe mais quase a *bourian*. Eu sei que madame Sacramento tem um grupo de *bourian* lendário. Existe, mas não encontramos nunca. E Cotonu, é a ponta do Benin moderno, não é? À Uidá e em Porto Novo encontramos um pouco. À Uidá, é completamente folclórico. É exatamente aquilo que a senhora disse. Quando é preciso fazer alguma coisa, uma vigília em uma festa, temos os grupos folclóricos brasileiros, à Uidá.

¹⁸ Pontos de interrogação no original. Dúvidas na transcrição.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.